

WIEDERHOLUNGSZWANG: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA ACERCA DA TRADUÇÃO

Matheus Pereira*

Carlos Henrique Kessler**

RESUMO

Este trabalho busca explorar o tema da tradução brasileira do conceito freudiano de compulsão de repetição e possíveis consequências teóricas dessa tradução. Começando por uma análise do uso que Freud faz desse conceito e explorando o vocabulário original, com os termos em alemão *Wiederholungszwang* e *Zwang zur Wiederholung*, presentes principalmente em dois textos: *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Além do Princípio do Prazer* (1920). Inicialmente, fizemos uma pesquisa dentro das diversas versões brasileiras, explorando as diferentes propostas de tradução e analisando o atual estado da discussão sobre esse ponto específico da tradução. Na sequência, pesquisamos como essa temática, e no mais específico, esses termos aparecem em Lacan, explorando, também, qual tradução encontramos no ensino do autor francês e quais são as possíveis motivações para suas escolhas, buscando extrair a partir disso consequências teóricas. Por fim, apontamos argumentos em Freud e em Lacan que em nossa leitura dão sustentação a nossa proposta de tradução para *Wiederholungszwang*.

Palavras-chave: Psicanálise; compulsão à repetição; Freud; Lacan.

*Psicólogo pela Universidade Federal de Santa Maria.

**Coordenador do PPG em Psicanálise, Clínica e Cultura; Professor Associado do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo; Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Analista Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

WIEDERHOLUNGSZWANG: A THEORETICAL PERSPECTIVE ABOUT TRANSLATION

ABSTRACT

*This paper seeks to explore the subject of the Brazilian translation of the Freudian concept of compulsion to repeat and possible theoretical consequences of such translation. Starting with an analysis of Freud's use of this concept and exploring the original vocabulary, with the German terms *Wiederholungszwang* and *Zwang zur Wiederholung*, present mainly in two texts: *Remembering, Repeating and Working-through* (1914) and *Beyond the Pleasure Principle* (1920). Initially, we conducted a research within the various Brazilian versions, exploring the different translations proposed and analyzing the current state of the discussion on this specific translation aspect. Next, we researched how this subject, and more specifically, these terms appear in Lacan. We also explored which translation we find in the French author's teaching and what are the possible motivations for his choice, trying to derive from this theoretical consequences. Finally, we point out arguments in Freud and Lacan that in our reading give support to our proposed translation for *Wiederholungszwang*.*

Keywords: Psychoanalysis; compulsion to repeat; Freud; Lacan.

WIEDERHOLUNGSZWANG: UNA PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE LA TRADUCCIÓN

RESUMEN

*Este trabajo pretende explorar el tema de la traducción brasileña del concepto freudiano de compulsión de repetición y las posibles consecuencias teóricas de esta traducción. Partiendo del análisis del uso que Freud hace de este concepto y explorando el vocabulario original, con los términos alemanes *Wiederholungszwang* y *Zwang zur Wiederholung*, presentes principalmente en dos textos: *Recordar, repetir y reelaborar* (1914) y *Más allá del principio del placer* (1920). Inicialmente, realizamos una investigación dentro de las diversas versiones brasileñas, explorando las diferentes propuestas de traducción y analizando el estado actual de la discusión sobre este punto específico de la traducción. En la secuencia, investigamos cómo este tema, y más concretamente, estos términos aparecen en Lacan. También exploramos qué traducción encontramos en la enseñanza del autor francés y cuáles son las posibles motivaciones de sus elecciones, tratando de extraer de ello consecuencias teóricas. Finalmente,*

señalamos argumentos en Freud y en Lacan que en nuestra lectura dan soporte a nuestra propuesta de traducción para Wiederholungszwang.

Palabras clave: Psicoanálisis; compulsión de repetición; Freud; Lacan.

O tema da repetição atravessa a obra freudiana desde os primeiros textos até os textos mais tardios, destacadamente em *Além do Princípio de Prazer* (1920). Neste artigo faremos uma entrada nesse tema através de uma questão específica: a tradução. Consideramos que a maneira como os termos freudianos foram traduzidos no Brasil carregam consigo implicações teóricas que vemos mérito em explorar. Para isso, também dedicaremos atenção especial à tradução francesa, em específico à maneira como Lacan usa tais termos, visto que acreditamos haver uma influência desse uso na tradução brasileira. Desde os anos 1980 e 1990, tem havido debates sobre as traduções no Brasil. O fato de as obras de Freud estarem aos poucos atingindo a condição de domínio público, por outro lado, tem levado ao surgimento de novas traduções, o que renova este debate. Nesse sentido, a atualidade da discussão a que nos propomos se faz premente.

A partir dessa proposta, dividiremos nosso trabalho em três momentos: (I) uma exploração das traduções brasileiras; (II) uma exploração da tradução em Lacan; (III) nossa proposta de tradução embasada nas explorações prévias. Com isso tentaremos sustentar nossa afirmação de que há implicações teóricas na tradução que é feita dos termos em Freud e buscaremos, nos apoiando na posição que Lacan evidencia, propor uma tradução que consideramos melhor se adequar teoricamente a nossa leitura desse conceito dentro da psicanálise freudiana.

Para isso, partiremos de dois textos específicos de Freud, *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) e o já citado *Além do Princípio de Prazer* (1920). No que tange a Lacan, passaremos por um número maior de obras, mas a base de nossa argumentação se dará a partir do texto dos *Escritos, O seminário sobre “A carta roubada”* (1956) e o Seminário de 1963-4. No que toca à pesquisa sobre as traduções freudianas, decidimos por incluir as versões iniciais da Imago (1996a, 1996b), da Cia das Letras (2013, 2014), a versão posterior da Imago, de Hanns (2004, 2006) e da Editora Autêntica (2017, 2020). Além disso, incluímos textos de diferentes tradutores, em que eles nos servem como bons interlocutores

e apresentam diferentes metodologias e filosofias de tradução. Por fim, faremos um breve percurso por alguns dicionários de psicanálise com a intenção de buscar diferentes interlocutores que possam nos ajudar na exploração que propomos neste trabalho.

A TRADUÇÃO NO BRASIL

Os termos utilizados por Freud e suas subsequentes traduções são questões que nos interessam, na medida em que consideramos haver impactos teóricos nas possíveis leituras que se fazem desses termos. Para adentrarmos nesse assunto, decidimos começar pela tradução brasileira.

Ocorre essa decisão pelo fato de que nosso primeiro encontro com a questão dos termos freudianos aconteceu através da leitura de seus textos traduzidos em português. Visto que o posicionamento de Lacan compõe a discussão que surgirá mais tarde no Brasil a respeito da tradução de Freud, veremos adiante como é possível constatar que a tradução francesa é referência em certas discussões, e essa tradução, sem dúvida, sofre influência de Lacan. Trata-se de um movimento retroativo, portanto, pois analisaremos a tradução posterior e, na sequência, exploraremos uma das influências sobre essa tradução. Acreditamos que começar por esse momento posterior evidenciará o nosso trajeto dentro do tema.

O primeiro contato com a questão aconteceu dentro do estudo da repetição. Foi na leitura do texto *Além do princípio do prazer* (1920/2014), na versão da Cia das Letras, que percebemos manifestadas diferentes maneiras de escrita do termo. Por exemplo, nesse texto, é possível encontrar: “compulsão à repetição”, “compulsão de repetição” e “compulsão a repetir”. Isso nos causou certo interesse. Seria uma decisão explícita do tradutor para não repetir o mesmo termo constantemente ou haveria distinções também no texto em alemão?

Buscando referência nos escritos originais de Freud (1920/1940, 1914/1946), nos deparamos, então, com a segunda alternativa, havia dois termos: *Wiederholungszwang* e *Zwang zur Wiederholung*. Mas o que também descobrimos é que a tradução não parecia consistente com o uso desses termos por Freud. Há, no texto de 1920, vinte e duas ocasiões em que um ou outro desses termos aparece. Dentro delas, somente

uma única vez Freud utiliza *Zwang zur Wiederholung* (1920/1940). A tradução da Cia das Letras (FREUD, 2014) propõe uma variação maior, “compulsão à repetição” aparece quinze vezes; “compulsão de repetição”, seis vezes; e “compulsão a repetir”, uma vez.

A investigação realizada levantou mais questões e, desse modo, direcionamos a atenção para o texto de 1914, a fim de verificarmos como esses termos aparecem no alemão (Freud, 1914/1946), e expandimos nossa pesquisa para incluir a tradução da editora Imago (Freud, 1996). No texto de 1914, encontramos cinco aparições de algum dos dois termos, três vezes *Zwang zur Wiederholung* e duas vezes *Wiederholungszwang*. Nas traduções: a Imago é bastante consistente, traduz todas as utilizações do termo, tanto nesse texto quanto no de 1920, por “compulsão à repetição”. A Cia das Letras, por sua vez, traduz todas as aparições nesse texto por “compulsão de repetição”.

Em relação à tradução da Imago, não podemos deixar de apontar que consiste em uma tradução indireta, do inglês, e não do alemão. Sabe-se que este esforço de tradução tinha o objetivo de renovar a primeira tradução disponível no Brasil, da Editora Delta, na década de 1940, que, segundo Fuks (2011), era uma tradução “diretamente do francês e do espanhol” e, por isso, continha muitas imprecisões. Já a Editora Imago contou com o esforço conjunto de analistas da época, ligados às diferentes Sociedades Psicanalíticas do Brasil, especialmente as do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Porto Alegre. No entanto, além de também ser uma tradução de tradução, não contou com uma uniformização editorial. Muitas vezes o mesmo termo é traduzido de maneira diferente conforme o texto ou o tradutor, por exemplo.

Na versão em inglês (Strachey, 1955, 1958) encontramos “*compulsion to repeat*”, algo que, se nos guiarmos pelo literal, seria traduzido por compulsão para repetir. Que se tenha decidido pela tradução desse termo por “compulsão à repetição” nos parece uma decisão idiossincrática. Que essa tradução, mais tarde, acaba por se alinhar tão bem à tradução do alemão seria apenas um acaso curioso?

Tínhamos, então, até este momento de nossa pesquisa, duas traduções diferentes, com dois posicionamentos diferentes. Uma, da Imago, consistente, mas talvez pouco crítica quanto à leitura desses termos, pois traduz sempre por “compulsão à repetição”. Outra, da Cia das Letras, que introduz

uma diferença na tradução dos termos, usando “compulsão à repetição” e “compulsão de repetição”, mas que não se apegam aos termos de Freud e, assim, parece inconsistente com ela mesma – traduz tanto *Wiederholungszwang* quanto *Zwang zur Wiederholung* por qualquer um dos termos em português.

Entretanto, mais uma tradução foi lançada recentemente, pela Editora Autêntica (Freud, 2017; 2020). No texto lançado em 2017, o de 1914, já encontramos algumas diferenças em relação às traduções anteriores. Inicialmente, foi nosso primeiro encontro com uma tradução que reconhece no texto a existência dos dois termos sobre os quais nos debruçamos há pouco. E, em segundo, é a primeira tradução que não usa o termo “compulsão” em todas as aparições desses termos. O que encontramos é, então, *Zwang zur Wiederholung* traduzido como “obsessão da repetição” ou “compulsão para a repetição” e *Wiederholungszwang*, traduzido como “obsessão da repetição” ou “compulsão à repetição”.

Curiosamente, já na tradução do texto de 1920, lançada recentemente em 2020, encontramos uma tradução igual à da Imago. Todas as aparições do termo *Wiederholungszwang*, e mesmo o termo *Zwang zur Wiederholung*, são traduzidos por “compulsão à repetição”, tendo como única exceção uma das vezes em que o termo *Wiederholungszwang*, devido ao contexto da frase, é escrito “compulsão orgânica à repetição” (p. 133). Isso possivelmente se dá ao fato de que temos tradutoras distintas para cada um desses textos. A versão de *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914/2017) foi elaborada por Claudia Sibylle Dornbusch. Já a versão de *Além do princípio de prazer* (1920/2020) foi feita por Maria Rita Salzano Moraes.

Consideramos esse um ótimo exemplo de como mesmo dentro de um projeto preocupado com a tradução e suas nuances, encontramos posicionamentos radicalmente diferentes devido a duas tradutoras diferentes. Uma que abrangeu diversas possibilidades de tradução, apontou um detalhe como o uso por parte de Freud de termos diferentes e apresentou a tradução mais fora do comum dentro do que lemos. E outra que, mesmo se debruçando sobre tal tema 50 anos após a versão proposta pela Imago, termina com uma tradução igual à de sua predecessora.

Há ainda mais uma tradução a qual gostaríamos de comentar. É um projeto pela Imago, encabeçado por Luiz Alberto Hanns, intitulado *Obras Psicológicas: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* e dividido em

três volumes, lançados em 2004, 2006 e 2007. No segundo volume, de 2006, há a tradução de *Além do princípio de prazer* (1920). Encontramos nessa versão a tradução de *Wiederholungszwang* por “compulsão à repetição” em todas as aparições do termo. Com exceção de uma vez, em que, similarmente à versão da Autêntica, encontramos “compulsão orgânica à repetição”. Além disso, na única aparição que *Zwang zur Wiederholung* faz, a decisão de tradução foi por “compulsão a repetir”, e também nessa versão se tomou a decisão de apontar como esse termo aparece em alemão dentro do corpo do texto. A edição da Cia das Letras também faz uso dessa tradução uma única vez, curiosamente não para traduzir *Zwang zur Wiederholung*, mas sim *Wiederholungszwang*.

Ante essa miríade de traduções e diferentes proposições, nosso interesse é aguçado. Qual seria a razão das diferenças entre as traduções e mesmo da inconsistência dentro de cada uma delas? Os termos em alemão não são facilmente traduzidos ao português? Há uma preocupação linguística nas traduções? Por exemplo, evitar que os mesmos termos se repitam tantas vezes, então, se decide por variar a tradução. Ou, ainda, há uma motivação teórica ou contextual que justifique essas diferenças? E, conseqüentemente, quais são os efeitos de tais decisões?

Como indicamos, nas traduções brasileiras as maiores variações ocorrem em torno de dois pontos: primeiro, a variação do predicado e do artigo – por vezes o uso do “a” artigo definido: obsessão da repetição; compulsão à repetição; compulsão para a repetição. E outras sem o uso do artigo definido: compulsão de repetição. Segundo a tradução de *Zwang* identificada na versão da Autêntica, na qual encontramos tanto compulsão, quanto obsessão. Temos notícia do posicionamento de alguns dos tradutores desses textos, através de livros dedicados a isso, como *As palavras de Freud*, de Paulo César de Souza (1998), responsável pela tradução da Cia das Letras, ou, então, por meio de notas de rodapé e introduções em que se discute a tradução, como no caso dos livros escritos por Hanns (2004, 2006).

Encontramos nesses textos uma discussão bastante focada, se não exclusiva, a respeito da tradução de *Zwang*. No livro de Souza (1998), por exemplo, há um debate sobre o termo *Zwang*, que inclui no final um breve comentário quanto a *Wiederholungszwang*, mas quase exclusivamente é

discutido os outros usos desse termo por parte de Freud, como no caso da neurose obsessiva. Essa discussão compreende justamente o fato de *Zwang* ser traduzido em relação à obsessão ou à compulsão, variando o contexto, observação que encontra eco na tradução da Autêntica, a única que varia o uso de compulsão, optando por obsessão em certos momentos.

Em Hanns (2006), encontramos uma discussão específica sobre *Wiederholungszwang*. De início, o autor situa outras possíveis traduções que não são comumente encontradas – ainda que no texto ele use compulsão à repetição –, sendo elas: “coerção à repetição”, “imposição à repetição” e “coaçoão à repetição”. Hanns elabora ainda: “Em alemão o *Zwang* (‘coerção’) ao qual o neurótico é submetido ressalta o conflito entre a vontade do neurótico e uma força avassaladora (*Zwang*) percebida como se fosse ‘externa’ e ‘alheia’ que se impõe ao sujeito” (p. 188).

Encontramos referência à dinâmica de *Zwang* como obsessão ou compulsão em outros textos, como, por exemplo, nos dicionários de psicanálise. Tanto no de Chemama (1995), que aponta como colaboradora no verbete sobre repetição Brigitte Balbure, quanto no de Roudinesco e Plon (1998), há comentários a respeito da tradução de *Zwang*. Mas não podemos deixar de notar, como encontraremos aqui, o uso constante de compulsão à repetição. Essas duas referências mais explicitamente evidenciam a questão comentada no início do capítulo, isto é, como a tradução francesa, e em alguma medida lacaniana, se insere na discussão da tradução brasileira.

No dicionário compilado por Kaufmann (1996) encontramos o verbete escrito por Edson Sousa a respeito da compulsão à repetição. Bastante extenso e aprofundado temos nesse escrito um percurso da elaboração freudiana desse conceito, mantendo uma constante conversa com as elaborações posteriores feitas por Lacan. Edson emprega em todas as ocasiões o uso de compulsão à repetição para *Wiederholungszwang* e não faz menção ao outro termo, *Zwang zur Wiederholung*. Entretanto, traz para a discussão variações e elucubrações que Freud faz a partir desse termo, como compulsão de destino (*Schicksalzwang*) e compulsão à ruminação (*Grübelzwang*). No que tange à discussão do termo *Zwang*, escreve: “O termo *Zwang* indica o caráter de insistência, de perseverança, de necessidade” (p. 450). Podemos somar a essas referências a coerção,

a obsessão e a compulsão ao longo do texto. De tal feita, nos parece a discussão mais ampla dentre os dicionários que pesquisamos, explorando as diversas variações freudianas e incluindo a leitura lacaniana, o que novamente aponta a influência de Lacan sobre tais discussões¹.

Feitos esses apontamentos, no primeiro momento, direcionaremos o foco para duas lacunas nas discussões dos dois autores: não há referência ao outro termo freudiano, *Zwang zur Wiederholung*, nem reflexões sobre a variação prepositiva em compulsão **de** repetição ou compulsão **à** repetição.

Tendo feito essa busca dentro das traduções brasileiras ou disponíveis em português, nos encontramos em uma situação peculiar. O propósito do nosso trabalho não é a proposição da melhor tradução ou um estudo aprofundado no alemão que nos permita argumentar a melhor tradução por meio desse viés. Fizemos a pesquisa com a intenção de estabelecer o contexto que encontramos no Brasil. Gostaríamos, entretanto, de propor a possibilidade de serem consideradas mudanças à tradução, mudanças com justificativa teórica.

Veremos, adiante, como estabelecemos essa posição dentro do ensino de Lacan e como lemos as decisões de Lacan em relação à tradução como decisões teóricas. Por fim, apontaremos nossa proposta, articulando-a aos argumentos teóricos para sustentá-la.

A VERSÃO LACANIANA

Na exploração da tradução em Lacan, encontramos prontamente referências ao tema da repetição e, mais precisamente, ao uso de compulsão à repetição e à variante que Lacan adota: automatismo de repetição. O termo aparece, por exemplo, naquele que ficou conhecido como seu primeiro Seminário (Lacan, 1953-1954/1979).

A decisão de Lacan em alguma medida nos intriga, qual seria a motivação para usar tal termo, automatismo, que, em referência a *Zwang*, de Freud, não parece a melhor das traduções? Há algumas ideias que gostaríamos de explorar.

Primeiramente, há a hipótese de que essa era a tradução da época. Lacan simplesmente seguiu a maneira como os psicanalistas franceses traduziram o termo. Contra essa ideia, temos notícia de que ao menos

a tradução para o francês que recebeu aprovação de Freud apresenta o termo “*tendance à la répétition*” (Jankélévitch, 1920). E Lacan reconhece a existência de outro termo, quando diz: “[...] isto é a *Wiederholungszwang* -- que traduziremos melhor por compulsão à repetição do que por automatismo de repetição” (1955/1995, p. 86).

Essa afirmação não é explicada por Lacan, mas a questão da tradução do *Zwang* freudiano parece ser o motor de sua posição. Mesmo afirmando que compulsão à repetição seria a melhor tradução, Lacan volta a usar automatismo ao longo do seminário e, um ano depois, quando escreve o que viria a ser o texto escolhido para constar como o primeiro de seus Escritos, *O seminário sobre “A carta roubada”* (Lacan, 1966/1998), novamente faz uso de automatismo.

Desse modo, parece-nos necessário pensar que haveria uma motivação maior por parte de Lacan ao usar esse termo: se ele reconhece a existência de outra tradução e a considera melhor, o que sustenta o uso de automatismo no início da obra? A partir dessa pergunta, consideramos possível conceber duas outras justificativas.

A primeira delas parte do termo automatismo mental. Esse termo surge com o psiquiatra francês, e mestre de Lacan, Clérambault. Lacan toca nesse assunto com mais profundidade no Seminário *As psicoses* (Lacan, 1955-1956/1988), mas faz referências a Clérambault em outros textos. Em uma dessas passagens, no texto *De nossos antecedentes* (Lacan, 1966/1998, p. 69), diz:

Ela segue as pegadas de Clérambault, nosso único mestre em psiquiatria. Seu automatismo mental, com sua ideologia mecanicista de metáfora, por certo bastante criticável, parece-nos, em seus enfoques do texto subjetivo, mais próximo do que se pode construir de uma análise estrutural do que qualquer esforço clínico na psiquiatria francesa.

Como Lacan aponta, Clérambault tinha uma ideia bastante mecanicista dentro de seu conceito de automatismo mental. Um artigo que explora essa questão, e que usaremos, também, como base para nossa leitura do automatismo nesses dois autores, é *From de Clérambault's theory of mental automatism to Lacan's theory of psychotic structure*² (Vanheule, 2018).

Se aceitarmos essa influência como possível motivação para o uso do termo automatismo de repetição, o que teria Lacan encontrado no

automatismo mental de Clérambault? Uma das maneiras que Vanheule encontra de colocar o automatismo mental em termos lacanianos é: “uma imprevista interferência na cadeia significante”³ (2018, p. 220).

Há ainda mais um momento em que Lacan fala sobre Clérambault, que é uma passagem que nos intriga, pois o comentário que Lacan faz sobre automatismo mental não nos parece condizente com a definição que Clérambault avança. Temos notícia disso no livro *Meu Ensino* (2006). Especificamente, no texto “Lugar, origem e fim do meu ensino”, de 1967, Lacan diz: “Então, temos à nossa frente um fulano que tem o que Clérambault chamava de ‘automatismo mental’, isto é, um fulano que não pode fazer um gesto sem que seja comandado, sem que lhe digam - ‘Ele está fazendo isso, o pestinha’.” (1967/2006, p. 33). Incluímos essa passagem na medida em que ela possa apontar uma outra possível entrada dentro desse tema, para além da leitura que propomos aqui.

Tomando a definição que Vanheule (2018) avança em seu texto, nos parece que há uma aproximação possível entre o automatismo mental e o automatismo de repetição. Ou, ao menos, uma aproximação que possa nos indicar o motivo do uso de tal termo nesse conceito.

Para isso, precisaremos abordar mais um termo que Lacan utiliza. No Seminário dos anos 1954-55, dedicado ao exame de *Além do princípio do prazer*, Lacan (1995) introduz a noção de insistência.

É aqui que Freud se dá conta de que alguma coisa não coaduna com o princípio do prazer. Ele se dá conta de que o que sai de um dos sistemas - o do inconsciente - é de uma insistência - eis a palavra que eu queria introduzir - particularíssima. Digo insistência porque isto expressa bem, de modo familiar, o sentido daquilo que em francês se traduziu por automatismo de repetição, *Wiederholungszwang*. A palavra automatismo ressoa em nós com toda uma ascendência neurológica. Não é assim que se deve entendê-la. Trata-se de compulsão à repetição, é por isto que acredito estar fazendo algo de concreto ao introduzir a noção de insistência. (p. 82).

Mais tarde, ainda nesse seminário, irá corroborar esse ponto, quando retoma a discussão sobre o termo e escreve:

O para além do princípio do prazer está expresso no termo *Wiederholungszwang*. Este termo está impropriamente traduzido em francês por *automatisme de répétition*, e creio estar dando-lhes um melhor

equivalente com a noção de insistência, de insistência repetitiva, de insistência significativa. (p. 259, grifo do autor).

Essas são passagens centrais em nossa leitura, visto que evidenciam os três principais termos que Lacan associa a *Wiederholungszwang*: automatismo de repetição, insistência e compulsão à repetição. Em alguma medida, situamos esses termos em: a tradução “lacaniana”, o novo termo a ser introduzido e a melhor tradução ou tradução literal, respectivamente.

Também nos dá notícia de como o termo automatismo carrega sua “ascendência neurológica”, tendo em mente sua profunda relação com a psiquiatria francesa da época. Na sequência, entretanto, aponta como o uso que ele faz não é esse. Qual é o seu uso, então? Consideramos que, para o entendimento dessa questão, a noção de insistência é central; ainda, é relevante como introdução de um novo termo na discussão do conceito de repetição.

É importante lembrar como Lacan (1953/1998), em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, se posiciona fortemente em relação à terminologia freudiana. E como a introdução de um novo termo não nos parece algo que deva ser considerado leviano. Lacan diz:

Numa disciplina que só deve seu valor científico aos conceitos teóricos que Freud forjou no progresso de sua experiência, mas os quais, por serem ainda mal criticados e por isso conservarem a ambiguidade da língua vulgar, beneficiam-se dessas ressonâncias, não sem incorrer em mal-entendidos, parecer-nos-ia prematuro romper a tradição de sua terminologia. [...] Urgente, em todo caso, parece-nos a tarefa de destacar, em noções que enfraquecem num uso rotineiro, o sentido que elas resgatam tanto de um retorno à sua história quanto de uma reflexão sobre seus fundamentos subjetivos. (1953/1998, pp. 240-241).

Então, que papel cumpre a insistência que justifique o rompimento com “a tradição de sua terminologia”? Parece-nos que ela cobre o salto necessário entre o automatismo mental e o automatismo de repetição. Mais especificamente, ela cobre o salto entre o automatismo dentro da psiquiatria, neurológico, e o automatismo dentro da psicanálise, linguístico.

Lacan (1966/1998, p. 13) inicia *O seminário sobre “A carta roubada”* com a seguinte frase: “Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*)

extraí seu princípio do que havíamos chamado de *insistência* da cadeia significante”. É nesse excerto que verificamos o papel da insistência como ponte entre as duas possíveis leituras de automatismo.

Dessa maneira, Lacan estabelece o automatismo enraizado na linguagem, toma a repetição como efeito do significante, como efeito da cadeia significante. Esse não é o único momento em que aponta algo dessa ordem. Ao mesmo tempo em que escrevia esse texto, o qual data de meados de maio a meados de agosto de 1956, em seu seminário de maio de 1956 (Lacan, 1988, p. 275), disse:

Essa noção da repetição nos embaraça de tal modo que se tenta reduzi-la a uma repetição de necessidades. Se lemos Freud ao contrário, vemos que o automatismo de repetição, como desde o início de toda a sua teoria da memória, está fundado na questão que lhe coloca a insistência de uma fala que, no sujeito, volta até que ela tenha dito sua última palavra, uma fala que deve tornar a voltar, apesar da resistência do eu que é defesa, isto é, aderência ao contra-senso imaginário da identificação com o outro. A repetição é fundamentalmente insistência de uma fala.

Portanto, se pudéssemos tomar emprestada a definição que Vanheule (2018, p. 220) propôs para o automatismo mental, “uma imprevista interferência na cadeia significante”, e dela fazer uma definição para o automatismo de repetição, gostaríamos de propor: *uma imprevista insistência na cadeia significante*.

A segunda possível justificativa refere-se aos termos que Lacan (1985) utiliza no Seminário do ano de 1963-4, e que também comentara brevemente nos Escritos, no *Seminário sobre “A carta roubada”* (1966/1998): “*Tiquê*” e “*Autômaton*”, ressaltando que, neste último texto não há um tópico aprofundado, somente uma nota de rodapé que acompanha o uso dos termos e aponta a sua importância, ainda que não estabeleça uma relação explícita com nosso tema. No Seminário de 1964, contudo, sua justificativa para o uso de automatismo através desses termos é muito mais explícita. Ele afirma: “É esta a figura que toma para nós, através da elucidação do que chamamos estratégias, o *autômaton* de Aristóteles. E, também, é mesmo por automatismo que traduzimos o *Zwang* de *Wiederholungszwang*, compulsão de repetição.” (Lacan, 1985, p. 69).

Lacan, dentro desse seminário, elabora a primeira definição de *autômaton* e *tiquê* da seguinte forma: “o *autômaton* - e sabemos, num

certo ponto em que estamos da matemática moderna, que é a rede dos significantes - e o que ele [Aristóteles] designa como *tiquê* - que é para nós o encontro do real” (p. 54). Lacan também aponta como esses termos “se traduzem impropriamente por acaso e fortuna” (p. 54).

De partida, temos, então, o *autômaton* introduzido na sua relação com a cadeia significativa, o que consideramos congruente com a ideia formulada anteriormente quanto à possível influência desse termo sobre o uso do termo automatismo por parte de Lacan. Ainda, poderíamos aproximar o “acaso” da tradução comum de *autômaton* e o nosso, e de Vanheule, uso de “imprevisto” para o automatismo. Agora, após termos elaborado a primeira possível justificativa, é importante ressaltar a possibilidade de que a relação entre automatismo e *autômaton* seja uma relação que tenha a direção inversa do que imaginamos anteriormente. Ou seja, a definição de automatismo define a leitura de *autômaton*.

Com isso, então, a repetição é colocada, a partir desses dois termos, em função do Simbólico, pelo *autômaton*, e em função do Real, pela *tiquê*. E Lacan avança nessa dinâmica entre repetição, Real e Simbólico, quando diz:

Primeiro a *tiquê* que tomamos emprestada, eu lhes disse da última vez, do vocabulário de Aristóteles em busca de sua pesquisa da causa. Nós a traduzimos por encontro do real. O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida. (Lacan, 1964/1985, p. 56).

E é nessa passagem que Lacan introduz ainda mais funções às quais esses termos correspondem, dessa vez temos a associação de *autômaton* ao princípio do prazer e da *tiquê* à função que Freud explora em *Além do princípio do prazer* (1920), e que Lacan, então, nomeia de Real. O excerto em evidência nos parece, então, um esforço da parte de Lacan em apontar como seus termos existem paralelamente aos de Freud. Importante notar como Freud, em 1920, também dá notícia da existência de uma repetição congruente com o princípio do prazer, por mais que dedique a maior parte do tempo à exploração da repetição não congruente a esse princípio.

Ademais, há uma frase em especial que gostaríamos de destacar, encontrada na citação supracitada: “O real é o que vige sempre por trás do

autômaton” (p. 56). Essa afirmação parece apontar que nossa exploração anterior sobre o automatismo mental, e consequente elaboração, está em um momento distinto do ensino de Lacan. Tivemos nos primeiros seminários uma construção fundamentalmente situada no Simbólico, o que não implicava a exclusão desses outros registros, mas não eram eles o foco das elaborações lacanianas. Aqui vemos uma possível mudança de foco, em que a introdução do foco no Real que se apresenta seria disruptiva nessa construção.

Tomemos como exemplo algumas das citações que fizemos anteriormente. Lacan (1966/1998, p. 13) escreve no *Seminário sobre “A carta roubada”*: “Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*) extrai seu princípio do que havíamos chamado de *insistência* da cadeia significante”. Ou, então, no Seminário de 1956: “A repetição é fundamentalmente insistência de uma fala” (1988, p. 275).

Poderíamos pensar que nesses momentos Lacan concordaria com sua futura afirmação a respeito do Real? Como dissemos, não nos parece que seja o caso. Não se trata da ausência do conceito de Real, mas sim de que, nas suas elaborações predecessoras, o foco de Lacan não estava nesse conceito. As reflexões percorriam outras vertentes, direcionando-se a outras questões, de modo que o Simbólico e o Imaginário eram destaque em suas produções.

Lacan (1964/1985, p. 56) escreve, ainda, sobre *tiquê*: “O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz - a expressão, nos diz bastante sua relação com a *tiquê* - *como por acaso*.” (grifo do autor). A afirmativa, novamente, reforça a leitura que propomos de automatismo através deste termo: imprevista. Talvez, agora, pudéssemos, levando em consideração o destaque dado por Lacan ao termo *acaso*, reformular nossa definição como: *por acaso, uma insistência na cadeia significativa*.

A NOSSA PROPOSTA A RESPEITO DA TRADUÇÃO

São essas as pontuações que consideramos sustentar quanto à utilização, por parte de Lacan, do termo automatismo. Também acreditamos que isso mostra como é possível sustentar uma tradução, que Lacan inclusive aponta não ser a melhor, teoricamente. E é a partir dessa

posição que gostaríamos de retomar a questão da tradução em português.

Usaremos, ainda, mais duas passagens de Lacan como estofa teórico para a tradução que pretendemos sugerir. Uma do Seminário de 1964 e outra do texto de 1977, *Palavras sobre a histeria*.

Em *Palavras sobre a histeria* (Lacan, 1977/n.d., pp. 13-14), encontramos:

A castração não é única, o uso do artigo definido não é bom, ou bem é preciso sempre empregá-lo no plural: há sempre castrações. Para que o artigo definido se aplique, seria preciso que se tratasse de uma função não automórfica, mas autoestruturada, quero dizer que tenha a mesma estrutura. [...] O emprego de ‘o, a, os/as’ é sempre suspeito porque há coisas que são de estruturas completamente diferentes e que não podemos designar por meio do artigo definido, porque não vimos como isto é feito.

[...] Só se pode dizer “a castração” quando há identidade de estrutura, enquanto há qualquer quantidade de estruturas diferentes, não automórficas. É isso que se chama gozo do Outro, um encontro de identidade de estrutura? O que eu quero dizer é que o gozo do Outro não existe, porque não podemos designá-lo por “o”. O gozo do Outro é diverso, não é automórfico.⁴

Essa extensa passagem que pode parecer, a princípio, confusa, entretanto é um ponto importante sobre nossa visão a respeito da repetição e das questões de tradução de *Wiederholungszwang*. Infelizmente, não temos aqui acesso a um contexto maior a respeito dessas pontuações de Lacan, essa é a sua resposta referente a uma questão que aparece no texto como “sobre a castração”. E esses três parágrafos são sua resposta por inteiro.

Tendo isso em mente, tentaremos ao máximo elucidá-la para que possa servir de aporte a nossa argumentação. Não pretendemos, com isso, explorar especificamente cada conceito referenciado por Lacan nos três parágrafos citados, pois escaparia ao objetivo deste artigo. Pretendemos utilizá-los na medida em que servem de exemplos, mas manteremos o foco na ideia geral que Lacan apresenta.

Primeiramente, o argumento de Lacan se baseia nos dois termos que ele nomeia: automórfico e autoestruturado. Não são termos necessariamente matemáticos e, por mais que Lacan faça referência à topologia na sequência, não é certo que seja esse o uso que pretende

fazer. Automórfico, na matemática, tem diversas significações, específicas a cada área dentro desse campo. Já dentro da topologia, automorfismo é o homeomorfismo de um espaço para si mesmo.

Todavia, não nos parece que é necessariamente essa a definição que Lacan usa nessa passagem, visto que homeomorfismo carrega em sua noção uma preservação da estrutura, enquanto Lacan parece querer marcar como diferença entre automorfo e autoestruturado, que a estrutura se mantém igual justamente no segundo. Desse modo, vemos a distinção que Lacan propõe como: o artigo definido se aplica não quando a forma se mantém igual, mas sim a estrutura, implicando, então, que é possível manter a forma sem manter a estrutura.

Não podemos ignorar que a distinção que destacamos entre automorfo e autoestruturado parece abandonada por Lacan no terceiro parágrafo. Ele acaba colocando as estruturas diferentes como não automorfas e aponta que o gozo do Outro não pode ser designado pelo artigo definido por não ser automorfo. O que seria, então, inconsistente com a ideia anterior, em que o relevante não é o fato de ser automorfo ou não, mas sim ser autoestruturado. Mesmo aceitando essa estranha ressalva feita por Lacan, a ideia central parece consistente, e o uso do artigo definido é em referência a uma função que mantenha uma estrutura igual.

A pergunta que segue, então, é: poderíamos dizer *a* repetição?

Gostaríamos de retomar o que havíamos anunciado no início desse item, a passagem no Seminário de 1964, que consideramos relevante a esta discussão. Lacan diz:

As duas flechinhas que vocês estão vendo indicadas no quadro depois de O inconsciente e de A repetição visam o ponto de interrogação que segue. Ele indica que nossa concepção do conceito implica ser este sempre estabelecido numa aproximação que não deixa de ter relação com o que nos impõe, como forma, o cálculo infinitesimal. Se o conceito se modela, com efeito, por uma aproximação da realidade que ele foi feito para apreender, só por um salto, por uma passagem ao limite, é que ele chega a se realizar. Daí somos requisitados a dizer no que pode dar - direi, sob forma de quantidade finita - a elaboração conceitual que se chama o inconsciente. Igualmente para a repetição. (1964/1985, p. 25).

Apresenta, então, a noção de um conceito que se estabelece na aproximação. Faz alusão, também, à noção de cálculo infinitesimal.

Infinitesimal é algo infinitamente pequeno, mas maior que zero. E o cálculo infinitesimal é relevante na sua relação com um limite. Como Lacan aponta, o conceito de repetição, e de inconsciente, precisa passar ao limite, assim como o cálculo se resolve na medida que aquilo que ele mede tende a zero e nisso encontra seu limite.

Além disso, não queremos nos abster de tocar em um ponto importante aqui: estamos discutindo um termo de Freud. Em grande parte, nossa justificativa teórica é através da obra de Lacan. Entendemos que é em sua obra que podemos encontrar uma posição teórica coerente com nossa elaboração e argumentos relevantes ao nosso projeto.

Entretanto, consideramos que há, também, em Freud algum indício, algum apontamento, de que a repetição não é algo monolítico. O capítulo V, do texto de 1920, *Além do princípio do prazer*, apresenta uma passagem que nos interessa. Freud (1920/2014, p. 201) diz: “Nisso não é contrariado o princípio do prazer, obviamente a repetição, o reencontro do idêntico, é em si mesma fonte de prazer”.

O que gostaríamos de destacar a partir disso é como essa citação abre uma outra dimensão da repetição, a qual Freud não havia explorado ainda em tal texto. O seu projeto nesse escrito é justamente apontar como haveria algo anterior ao princípio do prazer, algo que teria prioridade maior, em alguma medida, algo *além* do princípio do prazer. É nessa função que ele reconhece a compulsão de repetição.

Então, que exista também a possibilidade da repetição em congruência com o princípio do prazer, parece-nos indicar, novamente, uma multiplicidade. Acrescentamos aqui, ainda, a leitura feita no supracitado dicionário de Kaufmann (1996):

A repetição portanto, além de seu aspecto contingente que podemos detectar em alguns sintomas, se anuncia como um fato de estrutura e, como tal, é insuperável. Freud, de uma maneira mais sistemática e argumentada, dará um outro estatuto à compulsão à repetição. Ela já não se situa apenas no campo do patológico, sendo antes considerada enquanto fazendo parte da estrutura do sujeito em geral. (Sousa, p. 452).

Lemos esse apontamento como em acordo com aquilo que buscamos evidenciar. Uma distinção entre a repetição como característica de sintomas e uma repetição como característica do funcionamento do inconsciente.

Consideramos que, tanto em Freud quanto em Lacan, há reflexões a respeito da multiplicidade desse conceito, apontamentos de como há diferentes formas que esse conceito assume. E nessas diferentes formas, retomando o critério colocado por Lacan, haveria diferentes estruturas; em Freud, uma repetição além do princípio do prazer e uma repetição congruente com o princípio do prazer. E, em Lacan, a repetição destacadamente situada em sua relação com o Simbólico e com o Real.

Sendo assim, quais as consequências para a tradução? Nossa intenção é, a partir desse posicionamento, colocarmos a questão do artigo e da preposição em destaque, o uso de “à” ou “de”. Propomos o uso de compulsão de repetição na tradução de *Wiederholungszwang*, no que essa escolha não inclui o artigo definido e, então, nos parece uma resposta apropriada às questões que levantamos ao longo deste trabalho. Se não há *a* repetição, não haveria compulsão à repetição.

CONCLUSÃO

Demonstramos, ao longo deste trabalho, quais seriam as implicações de uma leitura que levasse em consideração o artigo definido “à”, observado em *compulsão à repetição*. E tentamos argumentar através de Lacan, e retomando Freud, suas diferentes traduções para o português e a discussão em alguns dicionários de psicanálise, como esses autores reconhecem uma multiplicidade no conceito de repetição e como essa multiplicidade pode ser sustentada teoricamente, bem como tal sustentação pode justificar uma posição quanto à escolha da tradução.

Terminamos, então, por defender que se traduza *Zwang zur Wiederholung* por compulsão à repetição e *Wiederholungszwang* por compulsão de repetição. Nosso foco neste trabalho se deu em específico sobre o debate, ou falta de, a respeito do uso de artigo definido ou não na tradução. Reconhecemos que haveria ainda outras possíveis questões a serem levantadas sobre a tradução de *Zwang*; este, entretanto, é um diálogo já mais bem desenvolvido no campo da tradução brasileira de Freud.

Consideramos que essa mudança na tradução melhor transmite as elaborações por parte de Freud, reforça como há mudanças entre os textos de 1914 e 1920, e de como a escolha por um dos dois termos, no caso *Wiederholungszwang*, é, também, uma dessas mudanças. Mais do que

isso, reflete a elaboração que esse conceito sofre de um conceito bastante restrito em sua abrangência em seu momento inicial, para um conceito multifacetado, amplo e que diz de uma função basal do funcionamento psíquico de todo sujeito.

Há, ainda, a possibilidade de que a crase entre preposição e artigo apareça unicamente por respeito à gramática, e não por posicionamento teórico ou mesmo por exigência do termo em alemão. Se esse for o caso, parece-nos ainda mais justificada a argumentação desenvolvida e a decisão por não a usar.

É possível encontrar esse olhar teórico-crítico que buscamos invocar sobre esse termo mais frequentemente nas discussões que existem a respeito da tradução brasileira de Lacan. Seus neologismos parecem demandar decisões que não são puramente da melhor tradução, descolada das implicações teóricas. Nossa intenção é poder incluir os termos freudianos nessa vertente de discussões.

Alguns dos termos freudianos geraram discussões nesse âmbito; a discussão sobre a tradução de *Trieb* é tema inescapável a qualquer leitor de Freud. Porém, nos parece que outros termos caíram em um certo consenso que gera uma paralisia, em que poderíamos encontrar movimentos interessantes. Nosso interesse, também, cruza por fazer esse campo *pulsar*.

Uma crítica que pode ser apresentada é a de que estaríamos nos debruçando desnecessariamente sobre um preciosismo. Consideramos que o campo no qual estamos inseridos e os autores os quais pesquisamos sejam justificavas para o nosso interesse minucioso nas palavras escolhidas por tais autores e suas subsequentes traduções. Dentro da psicanálise, esse é o interesse que se espera daquele que escuta um paciente; da mesma forma é o interesse que se espera daquele que pesquisa dentro dessa tradição.

Mais ainda, Freud e Lacan são excelentes exemplos de autores que se preocupavam com as palavras utilizadas. Por parte de Freud, encontramos momentos em que ele dedica parte de seus textos puramente a uma exploração dos termos que usará, vemos isso em *Das Unheimliche* (1919). E, em Lacan, encontramos uma miríade de neologismos, palavras tomadas em seus múltiplos sentidos, palavras relidas pela fonética, ferramentas que só podem ser utilizadas por alguém que muito seriamente se dedica a escutar os minuciosos detalhes.

Dessa feita, nos vemos bem posicionados dentro dessa tradição.

REFERÊNCIAS

- Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Freud, S. (1940). Jenseits des Lustprinzips. In *Gesammelte Werke XIII*. London: Imago. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1946). Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. In *Gesammelte Werke X*. London: Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1955). Beyond the Pleasure Principle. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Volume XVIII (1920-1922): Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and Other Works. The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis: London. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1958). Remembering, Repeating and Working-through. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Volume XII (1911-1913): The Case of Schreber, Papers on Technique and Other Works. The Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis: London. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1968). Au-delà du principe de plaisir. In *Essais de psychanalyse*. Paris: Éditions Payot. Recuperado em 22 agosto, 2021, de: <<http://ferbos.jeanfrancois.free.fr/psychanalyse-et-creation/IMG/pdf/au-de-la-du-principe-de-plaisir-1920.pdf>>. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1996b). Além do Princípio do Prazer. In *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1996a). Recordar, repetir e elaborar. In *O Caso Schreber, Artigos sobre a Técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2013). Recordar, Repetir e Elaborar. In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber"): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2014). Além do Princípio do Prazer. In *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920)

- Freud, S. (2017). Lembrar, Repetir e Perlaborar. In *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2020). *Além do Princípio do Prazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1920)
- Hanns, L. A. (2004). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume I: 1911-1915*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hanns, L. A. (2006). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II: 1915-1920*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fuks, B. B. (2011). Comentário sobre a tradução de Paulo César Souza das obras completas de Sigmund Freud. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 14(3), 566-570. Recuperado em 22 agosto de 2021, de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000300012&lng=en&nrm=iso>.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (n.d.). *Palabras sobre la histeria*. Escuela freudiana de Buenos Aires. (Obra original publicada em 1977)
- Lacan, J. (1979). *O seminário - livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953-1954)
- Lacan, J. (1985). *O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1963-1964)
- Lacan, J. (1988). *O seminário - livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1955-1956)
- Lacan, J. (1995). *O seminário - livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1954-1955)
- Lacan, J. (1998). O seminário sobre “A carta roubada”. In *Escritos*. (pp. 13-66). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In *Outros Escritos*. (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1973)
- Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. In *Meu Ensino*. (pp. 9-67). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra original publicada em 1967)

- Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1952)
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Souza, P. C. de. (1999). *As palavras de Freud - O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática.
- Vanheule, S. (2018). From the Clérambault's theory of mental automatism to Lacan's theory of the psychotic structure. In *Psychoanalysis and History*, 20, 205–228. doi: 10.3366/pah.2018.0259.

NOTAS

- ¹ Lacan, por sua vez, em diferentes momentos, vai utilizar: “automatismo de repetição (automatisme de répétition)” naquele que ficou conhecido como seu primeiro Seminário (1953-1954/1979). No seminário do ano seguinte (1954-1955/1995, p. 86), vai alterar para “compulsão à repetição (compulsion à la répétition)” e, logo a seguir, como “insistência repetitiva/significativa (insistance répétitive; insistance significative)” (p. 259).
- ² Da teoria do automatismo mental de Clérambault à teoria da estrutura psicótica de Lacan (nossa tradução).
- ³ Nossa tradução.
- ⁴ Nossa tradução.